

ONTOLOGIA DO SER NORDESTINO NA FEIRA DE DUQUE DE CAXIAS

José Severino da Silva (UNIGRANRIO)

cap.prof_jose@yahoo.com.br

Renato da Silva (UNIGRANRIO)

redslv@hotmail.com

RESUMO

A feira assim como: a rodoviária, o aeroporto e a estrada, são espaços de encontros e desencontros, espaço de passagem, de chegada, espaço rico por conta das influências dialetais, culturais, comunicacionais, espaço da culinária itinerante, de trocas das manifestações étnico-culturais entre outras. É um local onde as identidades estão em mobilidades constantes, desconfortáveis, sofrendo ao mesmo tempo um mal-estar e agregando valores de outras culturas locais e exteriores. O conceito de lugares e não-lugares é fundamental para a compreensão da sociedade contemporânea que perdeu sua solidez e a cada dia agrega valores externos. Nos dias atuais encontrasse o cordel nas feiras livres penduradas ainda nos barbantes. A Feira de Duque de Caxias surgiu no início da década de 1950, os agricultores que habitavam esta região e os pequenos fabricantes de tecidos e de roupas, todos migrantes nordestinos que foram condicionados a descerem para a Baixada Fluminense durante a “reforma urbana da cidade do Rio de Janeiro” iniciou esta atividade econômica muito tradicional no nordeste brasileiro que tem como objetivo aumentar a renda familiar usando os excedentes da lavoura e das produções artesanais como fonte de renda. Esta característica muito visível que tem o nordestino, ora forasteiro, ora migrante, ora sertanejo e brejeiro como comerciante que vende e que troca alimentos e objetos o aproximam do comerciante (mascate) e do andarilho (migrante). A prática da troca muito presente nas feiras livres também é uma característica do comerciante escambista (escambo) muito praticado durante o processo de ocupação do Brasil do século XVI. Estas práticas são frutos das tradições nordestinas e da representatividade de um povo oriundo do tripé cultural que ainda preserva os costumes e tradições de um Brasil múltiplo culturalmente.

Palavras-chave: Ontologia. Nordeste. Feira de Duque de Caxias

1. Introdução

A feira é um espaço múltiplo culturalmente, segundo Augé

(1994), o “*não lugar*”, é um espaço rico por conta das influências da culinária, dos dialetos, das manias, das manifestações étnico-culturais entre outras. É um local onde as identidades estão em mobilidades constantes, desconfortáveis, sofrendo ao mesmo tempo um mal-estar e agregando valores de outras culturas locais e exteriores. Estas práticas são frutos das tradições nordestinas e da representatividade de um povo oriundo do tripé cultural que ainda preserva os costumes e as tradições de um Brasil colonial que de fato, ainda é visualizada como colônia por questões diversas. A preservação das raízes e da nordestinidade são disseminadas no local e no habitat natural como forma de traduzi-las e perpassá-las para as gerações vindouras. Todas estas práticas contribuíram para que a Feira de Duque de Caxias se tornasse um celeiro da cultura nordestina num espaço pertencente a Baixada Fluminense do Estado do Rio de Janeiro.

Historicamente as feiras livres persistem no tempo e no espaço, preservando práticas econômicas e tradições milenares fazendo o abastecimento de alimentos frescos, artesanatos, produtos especiais e produtos com identidades regionais. Além disso, são historicamente reconhecidas como espaços privilegiados de socialização, de interação e de resgate cultural. As feiras nordestinas são vistas como espaços de comercialização de produtos agrícolas em sua maioria natural, espaços de trocas (escambos) que raramente recebem apoio dos representantes políticos.

Este trabalho é composto de cinco seções, sendo a primeira a seção *introdutória*. A segunda seção apresenta uma contextualização do debate teórico sobre a *migração nordestina*, a terceira seção, trata da *Feira de Duque de Caxias*, a quarta, trata da *culinária nordestina*, levando em conta a culinária como marca identitária do nordestino e a quinta seção final traz as *considerações finais* e recomendações para políticas públicas de preservação das culturas regionais.

2. A migração nordestina

A migração nordestina data de 1945. Nesta época, retirantes nordestinos chagavam ao Campo de São Cristóvão em caminhões, também chamados de pau-de-arara, estes migrantes deixaram suas terras, gados, cachorros, gatos, galinhas e parte dos familiares fugindo da seca e da fome que assolava o Nordeste, em sua maioria vinham para trabalhar na construção civil. Ao chegar aportava também sua música tradicional, sua culinária, suas tradições e esperanças de viver uma *Belle Époque*. Segundo Ecléa Bosi: [...] pensar em literatura de cordel num espaço de migra-

ção é pensar em tradição e em deslocamento. É analisar essa literatura “em termos de desenraizamento”. (BOSI, 2002, p. 17)

Ainda segundo Ecléa Bosi, como pensar em cultura popular num país de migrantes? O migrante perde a paisagem natal, a roça, as águas, as matas, a caça, a lenha, os animais, a casa, os vizinhos, as festas, a sua maneira de vestir, o entoado nativo de falar [...]. Suas múltiplas raízes se partem. Será que se partem mesmo? A observação de Ecléa Bosi é muito interessante, mas sabemos que a mobilidade social, a perda da liquidez na sociedade contemporânea e complexidade da mesma nos remetem a uma incerteza do que se perdeu e do que se ganhou. Acreditamos que refletir sobre essas questões torna-se fundamental para não recairmos no lugar comum do pesquisador que investiga a literatura de cordel pelo viés do resgate, em que o “povo é ‘resgatado’, mas não conhecido” (CANCLINI, 2008, p. 210). Canclini retrata o deslocamento migratório e suas implicações a respeito das raízes culturais enquanto sua preservação e ou mobilidade.

O sudeste brasileiro foi desde a década de 1950 uma região atrativa por conta da falta de mão de obra trabalhadora necessária para a construção civil e por conta do desenvolvimento econômico do Rio de Janeiro e de São Paulo na época em desenvolvimento. Nos dias atuais ainda são consideradas as principais metrópoles, região esta que vem recebendo migrantes de todo país. E esta migração não se cessa, agora, vítima da globalização, que terminou dando fim às fronteiras internas e externas. Agora a migração se dá por todas as raças e etnia, entretanto, aqui defende a presença marcante a representatividade nordestina em Duque de Caxias, na Baixada Fluminense.

3. A Feira de Duque de Caxias

Uma das tradicionais feiras livres localizada na avenida 25 de Agosto, na cidade de Duque de Caxias – RJ. Essa feira, como tantas outras fora do Nordeste, tiveram os nordestinos como fundadores, começando nas praças, por cima das calçadas e, com o decorrer dos anos, se oficializando como espaço comercial e cultural. Veja abaixo uma das diversas fotos tiradas em diversos cantos desta feira. Percebe-se, a simplicidade das barracas e suas estruturas montadas em cima das calçadas e meios fios ao longo do bairro.

A feira é sempre um espaço múltiplo, seja em línguas, em raças,

em hábitos, costumes e/ou culturas. Este espaço reforça a transitoriedade das identidades, ora sólida, ora líquida, e estas identidades definem a nova identidade ali hibridizada culturalmente. Nessa perspectiva, a feira tem um valor extraordinário na construção e na configuração desses novos sujeitos, sujeitos híbridos culturalmente, mestiçificado.



Foto 1. Duque de Caxias – RJ, outubro 2014. Foto: José Severino

Os dois autores abaixo reforçam a ideia de que as feiras ocupam as cidades, de forma desordenada, como mais uma opção de consumo:

[...] a cidade requer lugares para os excluídos da ordem dominante realizarem sua sobrevivência material cotidiana. Requer também espaços de sociabilidade para além do confinamento confortável das modernas opções de consumo. Por isso, as feiras resistem na paisagem urbana contemporânea: a grosso modo, pode-se dizer que, por um lado, há os que precisam sobreviver materialmente, por outro, aqueles que, resolvida a questão material, zelam pela sobrevivência sociocultural. (MASCARENHAS & DOLZANI, 2008, p. 83)

O nordestino foi sempre coisificado, visto como menor, ignorante, frágil, desprovido de cultura e, por fim, bruto. Mas, a historicidade aqui levantada e construída empiricamente, retrata outra versão destes sujeitos: crenes, cordiais, progressistas, nacionalistas e, acima de tudo, amantes da sua pátria, inteligentes, fortes e criativos. Por conta de sua sagaci-

dade, de sua grandeza intelectual, moralista, forte e ágil em seus afazeres e culturalmente múltiplos, seja na arte, na música, na poesia e no artesanato, passou a ser objeto de estudo nas academias. A feira passou a ser mais um espaço onde estes forasteiros, migrantes, ambulantes, transeuntes, sertanejos, brejeiros, matutos ou até mesmo sudestinos, entre tantos outros nomes atribuídos, escolheram para expor suas produções culturais e suas identidades.

Os nordestinos, atualmente, são reconhecidos como trabalhadores da construção civil, mas também como artistas, intelectuais, mestres da culinária e da arte. Esta representatividade nordestina nas feiras livres configura a multiplicidade cultural brasileira. E o que falta para que este reconhecimento seja oficialmente percebido? Digo que nada falta. O nordestino não precisa ser reconhecido como parte integrante da população brasileira, ele já é parte. A brasilidade está em suas veias, latente e corrente.



Foto 2. Duque de Caxias – RJ, outubro 2014. Foto: José Severino

Nestas barracas, encontra-se de tudo: comidas típicas, frutas, legumes, hortaliças, cereais, temperos, rações, aves, alimentos perecíveis e não perecíveis, artesanatos, livros, revistas, jornais, cordéis, objetos de uso doméstico, da construção civil, brinquedos, jogos, instrumentos musicais, folhas medicinais, doces, garrafadas, queijos, massa de tapioca, flores, salgadinhos, carnes, peixes e tecidos, entre outras. Nessa feira

existem, atualmente, cerca de mil barracas, Ainda não se sabe a quantidade precisa, mas de uma forma aproximada distribuídas em aproximadamente dois quilômetros e meio que cruzam parte do bairro 25 de Agosto. Essa feira perde apenas para a Feira de Caruaru – PE, que é considerada por muitos como a maior feira livre do país. A Feira de Duque de Caxias “começa na Avenida Duque de Caxias, na esquina com a Rua Cardoso Bessa, e continua pela Avenida Presidente Vargas até a altura da Rua Paulo Lins. Depois prossegue pela Rua Prefeito José Carlos Lacerda (antiga Gastão Cruls), até o seu final”.⁹⁹

Segundo Gutemberg Cardoso dos Santos, secretário de cultura do município, "Duque de Caxias é como se fosse um pedacinho do Nordeste". E de fato é. A cidade de Duque de Caxias é um celeiro de nordestinos. Em sua formação, a participação do migrante na construção desta cidade foi imprescindível. Vale ressaltar, o valor deste povo cordial, trabalhador e honesto que ao deixar o seu *locus*, busca construir um novo lugar, uma “nova cana”, com a esperança de um breve retorno o seu torrão, embora dure quase a sua vida, o desejo do retorno permanece.

Na feira, estes andarilhos representam uma mistura de todas as representações culturais de norte a sul desse país. Nesta feira tem andarilhos cariocas, paulistas, gringos, moradores locais, nordestinos e filhos de nordestinos nascidos no Rio, entre outros. Estes sujeitos se divertem ao som do forró tradicional nordestino resgatando suas “memórias individuais, coletivas e subterrâneas” (HALBWACHS, 2004) e lembram também de sua terra natal, tudo bem temperado, da carne de sol, do aipim, manteiga de garrafa, da rabada, buchada de bode, da feijoada, do queijo de coalho, do feijão de corda, da cachaça nordestina, do doce de garrafa e das garrafadas.

4. A culinária nordestina na barraca da “DORA”¹⁰⁰

A culinária nordestina foi construída e influenciada pela culinária portuguesa, indígena e africana, ou seja, o tripé étnico foi o principal responsável. A mistura de sabores e temperos marcou o período colonial

⁹⁹ Projeto de Lei n° 1264/2015. Declara patrimônio cultural imaterial do estado do Rio de Janeiro a tradicional feira livre do centro de Duque de Caxias. Disponível em: <http://www.escavador.com/diarios/DOERJ/poder-legislativo/2015-12-16?page=2>

¹⁰⁰ DORA – considerada a rainha da buchada de bode da Feira de Duque de Caxias

brasileiro que, com o passar dos tempos, os pratos da culinária nordestina foi ganhando forma e estilos e os temperos fortes e apimentados passaram a representar uma marca identitária nos cardápios nordestinos. A carne seca, a carne de sol, o torresmo, o peixe e o fruto do mar marcam presença quase que obrigatória na culinária do Nordeste brasileiro e aonde este itinerante vai, também leva aquilo que é de mais natural de sua região, as habilidades na culinária.



Foto 3. Duque de Caxias – RJ, outubro 2014. Foto: José Severino

Ao retratar a memória, recorremos ao passado não como resgate, pois penso que nada se perdeu, como forma de releitura dos acontecimentos. Michael Pollak, não vê com tanto pessimismo as relações entre história e memória ou entre a memória oficial (nacional) e aquilo que denominou “memórias subterrâneas” em referência às camadas populares. Para Pollak, estas memórias marginalizadas abriram novas possibilidades no terreno fértil da História Oral. Não se trata de historicizar memórias que já deixaram de existir, e sim, trazer à superfície memórias “que prosseguem seu trabalho de subversão no silêncio e de maneira quase imper-

ceptível” e que “afloram em momentos de crise [...]”. (POLLAK, 1989, p. 3-15)

Nos dias atuais, não só nordestinos frequentam as feiras livres para matar saudades e reencontrar parte de suas práticas culturais, como também cariocas e turistas de todo o país. Todos estes sujeitos, ao entrarem em contato com esta memória "subterrânea", que quase sempre é carregada emocionalmente por questões de perdas, o traz de volta. O movimento migratório é quase sempre carregado de emoções por causa das perdas materiais, distanciamento dos familiares, entre outros, e quando estas memórias são acionadas, a carga emocional fica muito visível no sujeito.

5. Considerações finais

Ser nordestino na Feira de Duque de Caxias é o mesmo que ser nordestino em qualquer lugar, é ao mesmo tempo, ser um representante da mais pura brasilidade e nordestinidade fora do seu *locus*, é transitar no não lugar, é ser capaz de agregar valores, é se sentir pertencente em sua totalidade de um povo múltiplo culturalmente, ser nordestino fora do seu lugar de origem é ser um ser a vir a ser e, nessa perspectiva, não se sabe ao certo o que se perdeu ou ganhou em termos culturais, ao longo destes deslocamentos.

As feiras livres preservam detalhes antigos e medievais em suas práticas comerciais, e os nordestinos se apropriam dessas práticas como forma de sobrevivência, fazendo do comércio urbano uma de suas atividades econômicas. O comércio ambulante, há muito, é uma marca identitária do nordestino, as atividades artesanais com a produção em barro e madeira também é muito presente em seu dia a dia, a arte plástica, a música, o cordel, a cantoria e a poesia. Ser nordestino fora do Nordeste é ser um ser criativo, esforçado, diplomático, rústico, simplista e, acima de tudo, determinado. Os preconceitos não os incomodam, pois, sua cordialidade perpassa todas as formas de preconceito, de negação, de não aceitação, de repúdio, de egoísmo e de resistência. Esse sujeito, ora popular, ora erudito, nada mais é do que um sujeito múltiplo culturalmente.

A feira nordestina em Duque de Caxias é considerada um pedacinho do Nordeste para aqueles que lá se aportam, descarregando suas emoções. Mas quando bate a saudade eles se deliciam na culinária na barraca da Dora intitulada “Rainha da Buchada de Bode”.

Nessa perspectiva, a feira livre passa a ser um espaço ou local privilegiado, justamente por congregar uma grande quantidade e variedade de pessoas em um mesmo espaço, compartilhando valores, disseminando informações, desenvolvendo o comércio local e, por consequência, a própria economia, contribuindo, assim, para a melhoria dos processos produtivos e organizacionais da própria cidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUGÉ, Marc. *Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Trad.: Maria Lúcia Pereira. Campinas: Papirus, 1994.

BOSI, Alfredo. *Cultura brasileira*. São Paulo: Ática, 2002.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças dos velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. 4. reimpr. São Paulo: Edusp, 2008.

FUNDAÇÃO Casa de Rui Barbosa. *Literatura popular em versos*. Rio de Janeiro: MEC/FCRB, 1973.

GARCIA-PARPET, M. F. Mercado e modos de dominação: a feira e as vinculações de trabalhadores na plantation açucareira nordestina. In: NEVES, D. Pessanha; SILVA, M. A. de Moraes. (Orgs). *Processos de constituição e reprodução do campesinato no Brasil*, vol. 1. Formas tuteladas de condição camponesa. São Paulo: Unesp, 2008.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Notas sobre a desconstrução do “popular”. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

MASCARENHAS, G; DOLZANI, M. C. S. Feira livre: territorialidade popular e cultura na metrópole contemporânea. *Revista Eletrônica Ateliê Geográfico*, UFG/IESA, vol. 2, n. 4, p. 72-87, agosto/2008.

ORTIZ, Renato. *Românticos e folcloristas*. São Paulo: Olho d'água, [s./d.].

PLOEG, J. V. der. *Camponeses e impérios alimentares: lutas por auto-*

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

nomia e sustentabilidade na era da globalização. Porto Alegre: UFRGS. 2008.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricas*, Rio de Janeiro, vol. 2, nº 3, 1989.

RAFESTIN, C. *Por uma geografia do poder*. São Paulo: Ática, 1993.

SOBRAL, Germano Leóstenes Alves de. Imagens do migrante nordestino em São Paulo. *Travessia: Revista do Migrante*. São Paulo, ano 4, n. 17, p. 10-20, 1993.